O PROLEEI E A FORMAÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA ABORDAR A MORTE

Edna MARTINS

Fernando Rodrigues de OLIVEIRA

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp

Eixo 09- Formação e profissionalização docente

edna.martins@unifesp.br

Resumo

A abordagem da morte na literatura infantil tem se consolidado como um campo relevante de investigação na interface entre educação e psicologia, ao reconhecer a criança como sujeito capaz de compreender, simbolizar e elaborar experiências complexas relacionadas à existência humana. Historicamente, a temática da morte foi silenciada no contexto escolar e familiar, muitas vezes sob a justificativa de proteção emocional da criança. No entanto, estudos contemporâneos apontam que o contato mediado e sensível com narrativas que abordam a finitude pode contribuir significativamente para o desenvolvimento emocional, simbólico e afetivo infantil. Esta pesquisa surgiu a partir de relatos de professores participantes do Programa Proleei, os quais evidenciaram desafios, inseguranças e demandas pedagógicas relacionadas à abordagem da morte no cotidiano escolar. Nesse contexto, a literatura infantil apresentou-se como importante instrumento de mediação, ao possibilitar a construção de diálogos sobre perda, luto, despedida e continuidade da vida de forma acolhedora e acessível à infância. Este estudo adotou como metodologia a análise de obras de literatura infantil que tematizavam a morte, buscando compreender de que modo elementos narrativos, simbólicos, imagéticos e estéticos contribuíram para a produção de sentidos sobre a finitude. Concluiu-se que essas obras apresentam importante potencial pedagógico, formativo e humanizador, especialmente no que se refere à mediação de experiências emocionais e à ampliação das possibilidades de escuta, acolhimento e elaboração subjetiva no espaço da educação infantil.

Palavras-chave: Formação de professores. Literatura infantil. Morte

1. Introdução

A morte constitui um fenômeno universal da experiência humana; contudo, as formas de significá-la e de lidar com ela variam amplamente entre as culturas (Ariés, 2012). Cada sociedade em volta do planeta elabora seus próprios rituais, sistemas de crenças e práticas relacionados à morte, que se expressam e são atravessados por suas tradições, religiosidade e concepções muito diferentes de mundo. Em nossa cultura ocidental contemporânea, a morte costuma ser vivenciada de maneira ambivalente, articulando dor e expressão coletiva em que predominam sentimentos de

tristeza e perda, compartilhado em redes familiares, comunitárias e religiosas. É comum vivenciarmos alguns rituais como velórios, missas e outras práticas de despedida que favorecem a elaboração desses sentimentos.

Contudo, à medida que a sociedade se urbanizou e os ambientes hospitalares centralizaram os momentos finais da vida, o fenômeno do morrer foi progressivamente afastado do cotidiano doméstico. Esse processo de privatização e medicalização da morte gerou um tabu social e um consequente silenciamento, que atinge de forma ainda mais acentuada o universo da infância. Historicamente, construiu-se a ilusão de que poupar as crianças do contato com a finitude significaria protegê-las do sofrimento emocional.

Esse paradigma de superproteção, entretanto, entra em contradição direta com os achados contemporâneos da Psicologia do Desenvolvimento que buscam discutir a temática com crianças (Silveira; Dalla Zen, 2013; Barros; Azevedo 2019). Para os autores, as crianças não se encontram isoladas do mundo; elas percebem as ausências, captam as atmosferas de luto no núcleo familiar e formulam hipóteses próprias sobre o desaparecimento de entes queridos e animais de estimação. Privá-las de discursos sobre a finitude, impossibilita que encontrem contornos simbólicos para suas próprias angústias e questionamentos inerentes à condição humana.

Frente a esse cenário, a literatura infantil desponta como uma ferramenta bastante poderosa de mediação cultural e psicológica. O livro literário, ao conjugar a palavra articulada com a imagem artística, atua como um espaço seguro de projeção, onde a criança pode experienciar o medo, a perda e a saudade por intermédio do distanciamento estético proporcionado pelo texto de ficção. Assim, na segurança da metáfora a complexidade do real pode ganhar legibilidade para os pequeninos.

No âmbito das políticas educacionais para a criança no Brasil, as demandas por essa discussão ganharam visibilidade por meio do Proleei (Programa Leitura e Escrita na Educação infantil). Ao reunir docentes das redes públicas em processos de formação contínua, tal programa constitui-se como importante espaço de formação continuada para professores da Educação Infantil, no que se refere às práticas de leitura, mediação literária e ampliação das experiências culturais no contexto escolar. As formações desenvolvidas pelo Proleei possibilitam momentos de estudo, reflexão e compartilhamento de práticas pedagógicas relacionadas à literatura infantil, compreendendo-a não apenas como instrumento didático, mas como experiência estética, cultural e humanizadora. Nesses momentos tem sido comum que professores relatem sua paralisia e despreparo técnico e emocional quando confrontados com o luto real de seus alunos ou com questionamentos espontâneos sobre o fim da vida surgidos cotidianamente. É a partir desse diagnóstico que a presente pesquisa se ancora com o

objetivo de analisar de que modo a literatura infantil pode contribuir para a formação continuada de professores da Educação Infantil no enfrentamento de questões relacionadas à morte, ao luto e à elaboração emocional no contexto da escola de educação infantil.

2. A construção do conceito de morte na infância: interface entre Educação e Psicologia

A compreensão do conceito de morte pela criança não ocorre de maneira estática ou abrupta; trata-se de um processo gradativo, intimamente vinculado às estruturas cognitivas, afetivas e de socialização descritas pela psicologia do desenvolvimento. Durante muito tempo, sob a égide de leituras lineares do desenvolvimento, supunha-se que crianças pequenas seriam inteiramente incapazes de processar a ideia de finitude, o que justificava a sua exclusão sistemática de ritos de passagem e de conversas familiares sobre perdas.

No entanto, estudos pós-piagetianos e de matriz vigotskiana demonstram que a realização do conceito de morte engloba subcomponentes fundamentais que vão sendo integrados ao longo da infância: a irreversibilidade (a compreensão de que, uma vez morto, o ser vivo não retorna à vida), a não-funcionalidade (a cessação completa de todas as funções vitais, físicas e mentais) e a universalidade (o entendimento de que todos os seres vivos, inevitavelmente, morrerão) (Kovács, 2013).

Por volta dos três aos cinco anos de idade, predomina o pensamento animista e mágico. Para a criança nessa faixa etária, a morte é frequentemente interpretada como uma viagem temporária, um sono prolongado ou uma separação modificável. Há a crença de que o indivíduo falecido continua a sentir fome, frio ou saudades no local onde se encontra. É por esse motivo que explicações eufêmicas comumente utilizadas por adultos, tais como “vovô virou uma estrelinha” ou “ele foi fazer uma longa viagem” tendem a confundir a estrutura infantil, alimentando fantasias de abandono ou gerando o medo correspondente de dormir e não mais acordar (Silveira et. al, 2020)

Entre os seis e nove anos, com o advento das operações concretas, a criança começa a compreender a irreversibilidade e a não-funcionalidade, embora a universalidade ainda possa ser vista como algo distante, aplicável apenas aos muito velhos ou aos doentes. A morte passa a ser personificada na figura de monstros, esqueletos ou entidades externas, refletindo uma tentativa de dar corpo a uma realidade abstrata. Apenas por volta dos dez anos consolida-se a apreensão da morte enquanto um processo biológico interno, abstrato, universal e inevitável.

Essa evolução cognitiva, no entanto, não caminha dissociada das demandas afetivas. Segundo Vigotski (2001) é a partir da interação das crianças com a cultura,

proporcionada pela linguagem na escola e família, que a criança encontra amparo para se organizar cognitivamente. Conforme pontua a literatura psicológica, negar a palavra à criança diante de uma perda real ou potencial não elimina o sentimento, mas o isola. Segundo Kovacs (2013) o silêncio do adulto diante da morte é frequentemente decodificado pela criança como um sinal de que o assunto é perigoso demais para ser nomeado, gerando angústias sem contorno e um sentimento de desamparo que dificulta a elaboração saudável do luto e o desenvolvimento da resiliência emocional.

Portanto, a interface entre a pedagogia e a psicologia se estabelece justamente na criação de espaços de escuta qualificada. A escola não deve atuar como uma clínica psicológica, mas se constitui como o espaço coletivo por excelência onde a vida e suas implicações radicais, entre elas, a finitude devem receber tratamento pedagógico sistemático, intencional e sensível por meio de atividades e meios auxiliares de contato com a cultura.

3. O programa PROLEEI e a demanda docente

O Programa de Leitura e Escrita na Infância (Proleei) configura-se como uma política de formação continuada de professores com impacto direto nas metodologias de ensino e no trato com o acervo literário escolar. Ao colocar em análise as práticas de leitura na infância, o programa fomenta discussões que transcendem os aspectos puramente decodificadores da escrita, alcançando a dimensão do letramento literário como direito humano e espaço de constituição subjetiva do aluno.

Foi no interior dos círculos de debate e das sessões de reflexão pedagógica propostas pelo Proleei que a temática da morte emergiu de forma recorrente e imprevista. Os relatos docentes evidenciaram uma desconfortável lacuna na formação inicial dos profissionais da educação infantil. A maioria dos professores relatou nunca ter tido contato, durante a graduação em Pedagogia ou nas licenciaturas, com disciplinas ou discussões voltadas à tanatologia pedagógica ou à mediação de crises emocionais ligadas ao luto na escola.

Essa ausência de instrumentação teórica pode gerar angústia aos educadores, uma vez que se vê despreparado diante de uma pergunta complexa de uma criança sobre para onde vão as coisas que morrem. Assim, o professor tende a desviar o foco, mudar de assunto ou remeter a resposta estritamente ao âmbito familiar. Todavia, a realidade cotidiana impõe-se de modo contundente. Casos de falecimento de familiares das crianças, episódios de violência comunitária no entorno escolar, doenças graves no corpo docente ou mesmo a morte de animais de estimação surgem na rotina das turmas, sem pedir licença.

A análise das demandas coletadas no Proleei indicou que os professores operam sob um triplo receio: o medo de invadir a esfera religiosa e de valores privados das famílias; o receio de desencadear reações de choro ou sofrimento incontroláveis nas crianças; e a própria angústia pessoal do docente frente às suas perdas não elaboradas. Desse modo, o investimento na pesquisa sobre como a literatura infantil pode atuar como um dispositivo mediador responde a uma urgência formativa de caráter prático: transformar o mal-estar e o silenciamento em uma prática docente planejada, segura e humanizadora, abrindo espaços para o diálogo.

4. Metodologia

Esta investigação insere-se no campo da pesquisa qualitativa de cunho documental e analítico-crítico, operando na convergência entre os estudos literários e a psicologia educacional. O objetivo metodológico central consistiu em identificar e analisar o potencial pedagógico de obras da literatura infantil contemporânea que abordam diretamente o tema da morte e do luto, mapeando seus elementos narrativos e estratégias visuais.

O corpus da pesquisa foi constituído a partir de critérios rigorosos de seleção, priorizando livros que compõem os acervos distribuídos por programas governamentais de leitura ou que são amplamente indicados em catálogos de referência para a infância no Brasil. Neste trabalho apresenta-se a seleção de um recorte do trabalho constituído de três obras de literatura infantil, que oferecem diferentes abordagens estéticas e conceituais para a finitude, permitindo um painel comparativo de suas estruturas textuais e imagéticas:

1. Obra A: “Menina Nina: duas razões para não chorar”, de Ziraldo. A narrativa aborda o impacto da morte súbita da avó na dinâmica familiar e psicológica de uma neta, trabalhando explicitamente a dor da ausência humana imediata e a busca por explicações afetuosas.
2. Obra B: “O Pato, a Morte e a Tulipa”, de Wolf Erlbruch. Um clássico existencial que personifica a morte como uma figura minimalista, terna e companheira que acompanha o protagonista no encerramento natural do seu ciclo vital, destacando a universalidade e a não-funcionalidade biológica.
3. Obra C: “Gato Procura-se”, com texto de Ana Saldanha e ilustrações de Yara Kono. Um trabalho que aborda a dimensão da perda no universo infantil sob a perspectiva do desaparecimento de um animal de estimação, narrando o percurso emocional de uma criança que lida com a ausência, a busca, a incerteza e a necessidade de ressignificar o afeto.

O procedimento de análise documental seguiu as etapas de categorização temática baseadas em três dimensões fundamentais: a) Estratégias textuais/narrativas: exame do tom do narrador (se melodramático, realista ou poético), uso de metáforas e eufemismos, e caracterização dos personagens centrais; b) Estratégias estéticas/visuais: análise do uso das cores, contrastes, texturas e espaços em branco nas ilustrações, compreendendo a imagem como linguagem construtora de sentidos; c) Potencial de elaboração conceitual: verificação de quais subcomponentes da morte (irreversibilidade, não-funcionalidade ou universalidade) são mobilizados pela obra e de que forma facilitam a mediação docente.

5. Análise das obras literárias e categorias de representação

A análise detalhada do corpus revelou que a literatura infantil evita o didatismo moralizante e a pieguice, oferecendo à criança um tecido de alta densidade estética para ancorar suas vivências. As obras selecionadas distribuem-se em um espectro que varia desde a abordagem realista-afetiva até a abstração existencial de modo poético.

Na obra “Menina Nina”, de Ziraldo, o tom adotado pelo narrador aproxima-se de uma conversa íntima e de acalento. O autor utiliza a estratégia de contrapor a vivacidade da infância com o impacto desestruturante da perda de um referencial afetivo central (a avó). A linguagem verbal avança progressivamente da incompreensão dolorosa para a edificação de uma memória afetiva reconfortante, demonstrando que a saudade é a continuidade legítima do amor.

Em contrapartida, “O Pato, a Morte e a Tulipa”, de Wolf Erlbruch, rompem com os estigmas ocidentais de terror associados à finitude. O texto estrutura-se em diálogos breves, filosóficos e dotados de sutil ironia entre o pato e a Morte. Esta é apresentada como uma condição intrínseca da própria vida, alguém que acompanha o protagonista sem pressa ou crueza. Nesse cenário, a tulipa aparece como uma oferenda ritualística e poética que demarca o encerramento digno do ciclo existencial.

Nesta direção, o “Gato Procura-se”, de Ana Saldanha, expande e enriquece este painel analítico ao introduzir a especificidade da perda de um animal de estimação e a dor da incerteza. Diferente da finitude biológica explícita de Erlbruch, a narrativa foca no processo do desaparecimento e na angústia da busca. O tom narrativo acompanha de perto a subjetividade da criança que se depara com o sumiço do seu companheiro, tencionando sentimentos de esperança, frustração e a gradual necessidade de lidar com o vazio deixado pela ausência. A perda do animal é tratada com o mesmo respeito e gravidade psicológica que as perdas humanas, legitimando o afeto que as crianças e adultos dispensam aos bichos de estimação.

A dimensão visual provou ser tão ou mais impactante do que o texto escrito na construção dos sentidos sobre o morrer. A Tabela 1 sintetiza as escolhas estéticas operadas pelos autores e ilustradores, demonstrando o alinhamento entre forma e conteúdo nas obras analisadas.

Tabela 1: Matriz de Análise Estética, Visual e Narrativa do Corpus Selecionado

Obra Analisada	Paleta de Cores Predominante	Tratamento Gráfico do Espaço	Efeito Psicológico / Mediador
Menina Nina (Ziraldo)	Cores quentes iniciais; transição para tons sóbrios de luto e posterior retorno ao brilho afetivo.	Páginas densas, com foco na expressividade facial e na presença física dos personagens.	Representação do luto humano como um processo dinâmico de transformação emocional e memória ativa.
O Pato, a Morte e a Tulipa (W. Erlbruch)	Tons terrosos, cinzas suaves, fundos predominantemente beges, limpos e minimalistas.	Amplos espaços em branco, isolando plasticamente os personagens no centro da página.	Foco no silêncio, na quietude e na aceitação da finitude biológica sem ruídos ou pavor visual.
Gato Procura-se (Saldanha & Kono)	Contrastes expressivos, uso de formas gráficas marcantes e variações cromáticas de busca.	Composições dinâmicas que alternam a presença e o vazio do espaço que o animal ocupava.	Legitimação da angústia diante do desaparecimento, favorecendo a partilha da saudade e da incerteza.

Fonte: Dados organizados pelos autores

Como evidenciado na matriz da Tabela 1, as soluções estéticas operam como metáforas visuais que acompanham as narrativas. Enquanto o minimalismo de Erlbruch ressignifica o vazio como quietude e naturalidade, as ilustrações de Yara Kono em “Gato Procura-se” jogam de forma brilhante com o espaço da ausência: os locais habituais do felino surgem desocupados na composição gráfica, materializando visualmente para a criança leitora o conceito de vazio e a transição da presença física para o território da memória e do questionamento. Assim, o dinamismo visual de do livro capta a agitação interna da infância que procura respostas para além do visível.

Do ponto de vista psicológico e educativo, as três obras revelam-se esteticamente complementares nas salas de aula do Proleei. “Menina Nina” valida o choro, o acolhimento familiar e a manifestação aberta da dor diante da perda humana. “O Pato, a Morte e a Tulipa” oferece subsídios cognitivos rigorosos e poéticos para os subcomponentes da irreversibilidade e da universalidade biológica. Por sua vez, “Gato Procura-se” preenche um papel mediador único: aborda a rutura do vínculo afetivo cotidiano com o animal de estimação, permitindo que crianças pequenas canalizem sentimentos de perda que muitas vezes não encontram espaço de validação no mundo

adulto. A obra auxilia na elaboração da incerteza e na construção de ritos simbólicos de despedida e lembrança, mesmo na ausência de um desfecho material concreto.

Os resultados obtidos com o exame das obras selecionadas oferecem caminhos práticos para transpor estas reflexões teóricas para os espaços da educação infantil, respondendo diretamente às necessidades formativas manifestadas no Proleei. A mediação de temas complexos exige uma intencionalidade pedagógica que afaste tanto o improviso inconsequente quanto o silenciamento defensivo.

O professor, ao atuar como mediador de leituras como “Gato Procura-se”, assume o papel de escutador legítimo e validador da palavra da infância. É frequente que a leitura desta obra desencadeie relatos emocionados das crianças sobre os seus próprios animais desaparecidos ou mortos. O docente deve acolher estas falas, compreendendo que a dor da perda do animal é real e estruturante. A partir da análise realizada, estruturou-se um conjunto revisado de diretrizes metodológicas organizadas em três eixos operativos essenciais para orientar as práticas docentes:

- Seleção Critério-Estética do Acervo: Priorizar obras de alta qualidade literária e artística que fujam de eufemismos alienantes (como associar a morte estritamente a viagens ou ao ato de dormir, o que gera medos secundários na infância). O acervo deve acolher diferentes naturezas de perda (humanas e não-humanas) com o mesmo rigor estético.
- Planejamento das Sequências de Mediação e Acolhimento: Organizar rodas de leitura baseadas na escuta e na partilha livre. O tempo pedagógico deve ser dilatado: após a leitura, a expressão deve ser estimulada por meio de linguagens plurais, como o desenho espontâneo, a modelagem ou a criação de “caixas de memórias” onde as crianças guardam lembranças simbólicas daquilo que partiu.
- Articulação Ética entre Escola, Família e Comunidade: A abordagem literária da perda não visa intervir em dogmas religiosos ou valores particulares das famílias, mas sim validar a dimensão humana e emocional da dor no espaço público da escola. Manter um diálogo prévio e transparente com a comunidade sobre os objetivos do letramento literário previne resistências e fortalece as redes de apoio ao redor da criança.

Dessa forma, reitera-se a grande importância de que espaços de formação docente, como o Proleei, incorporem de forma estruturada debates sobre o letramento literário diante de temas sensíveis. Municiar o professor com segurança teórica e sensibilidade estética permite-lhe transformar o mal-estar do tabu numa mediação que promove a empatia, o acolhimento mútuo e o fortalecimento do laço social entre as crianças.

6. Conclusões

A investigação desenvolvida reitera de forma contundente que a morte, o desaparecimento e o luto, longe de serem temas interditados ou exclusivos do ambiente clínico, constituem objetos de legítimo interesse, necessidade e direito pedagógico no espaço da escola. O silenciamento histórico imposto às crianças, sob o manto de uma falsa proteção, não as resguarda da dor; pelo contrário, empurra-as para a solidão e para a elaboração fragmentada e geradora de ansiedade das suas perdas reais e simbólicas.

A literatura infantil contemporânea, conforme demonstrado na análise comparativa da amostra selecionada confirma-se como um dispositivo insubstituível de mediação. Através da articulação sensível entre a palavra e a imagem, a literatura institui o distanciamento estético necessário para que a criança nomeie as suas vivências de rutura, integre de forma saudável os conceitos de ausência, impermanência e irreversibilidade, e construa pontes de sentido para acolher a saudade. A análise evidenciou que tratar da perda através da literatura infantil, pode atuar como um canalizador afetivo de enorme potência pedagógica, respeitando as especificidades da sensibilidade infantil.

Por fim, as demandas emergidas no contexto do Proleei explicitam que a transformação desta realidade exige, obrigatoriamente, o fortalecimento e o planeamento da formação continuada de professores. É imperioso dotar os mediadores de leitura de subsídios teóricos, estéticos e práticos que lhes permitam exercer uma escuta ativa e qualificada face às dores da infância. Espera-se que este estudo contribua para que a escola se afirme firmemente como um espaço de acolhimento integral, onde os sujeitos infantis possam aprender não apenas a ler o mundo das letras, mas também a decifrar, suportar e ressignificar, com dignidade, solidariedade e beleza, as complexidades inevitáveis do viver, do perder e do morrer.

8. Principais referências

ARIÈS, Philippe. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Tradução de Priscila Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Leitura e Escrita na Infância (Proleei): Diretrizes curriculares e cadernos de formação de professores. Brasília: MEC, 2024.

ERLBRUCH, Wolf. O Pato, a Morte e a Tulipa. Tradução de Júlia Bussius. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte: desafio na formação de professores e profissionais da saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

PIAGET, Jean. A representação do mundo na criança. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SALDANHA, Ana; KONO, Yara. Gato Procura-se. Caminha, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria; DALLA ZEN, Maria Isabel. Velhice e morte na literatura para crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. In: PAES, Maria Helena Rodrigues; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). Contribuições para o trabalho e formação docente – temas contemporâneos e sala de aula. Curitiba: CRV, 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; MACHADO, Patrícia Aparecida; SILVEIRA, Bruna Rocha. Contando histórias de quem “dormiu para sempre”: narrativas infantis motivadas pela leitura literária. Revista Educação em Questão, v. 58, n. 55, 2020.

VIGOTSKI, Lev S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001

ZIRALDO. Menina Nina: duas razões para não chorar. São Paulo: Melhoramentos,2002.